

JORNAL DA TARDE

A dramática realidade e o "papo furado" do presidente

Homem de letras e político profissional, o presidente Sarney certamente não teve tempo, durante sua longa carreira, de familiarizar-se com os princípios mais elementares da ciência de Adam Smith, Ricardo, Marshall, Keynes, Friedman, Tobin e tantos outros que contribuíram para enriquecer o acervo da teoria econômica. Somente esse distanciamento pode explicar os comentários feitos pelo presidente da República a propósito do movimento de reajustes preventivos de preços que vem ocorrendo na economia diante da evidência de uma hiperinflação e também como reação aos boatos, jamais desmentidos de forma convincente, de que o governo prepara novo congelamento de preços.

13 MAI 1987

Se, em vez de sonhar com "os bons tempos do Plano Cruzado", o chefe da Nação procurasse compreender o desastre provocado pelo erro (de seu governo) de fazer política com a política econômica, seguramente não cederia, pela segunda vez, à tentação da demagogia mais subdesenvolvida, culpendo a classe empresarial por um mal que ninguém teme mais do que ela.

O presidente Sarney sabe muito bem que é muito mais fácil acusar os empresários do que atacar os principais focos inflacionários, todos eles por sinal situados no âmbito do Estado, com seus 300 mil funcionários ociosos (só os admitidamente ociosos, sem contar os outros), suas empresas cronicamente deficitárias, seus governos estaduais falidos e sua mania de gastar, gastar, gastar, como agora se pretende fazer neste novo monumento à irracionalidade que é o trenzinho elétrico que ele ganhou de aniversário da fábrica de brinquedos Troi. Mas, em lugar de reconhecer essa realidade dramática e enfrentá-la com a coragem que se requer, nosso presidente prefere descobrir que "o empresariado brasileiro não tem cultura para conviver com um sistema de preços livres" e que "não resta outro caminho ao governo que não o de tratar com mão de ferro os abusos do poder econômico e os crimes contra a economia popular".

Quem tiver dúvidas sobre o que significa esse tom ameaçador do presidente Sarney pode crer, com certeza, na advertência do ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, de que "vem aí um severo controle de preços". Esse comentário coincide com informações de fontes ligadas ao ministro Bresser Pereira segundo as quais o novo titular da Fazenda, após passar o fim de semana reunido com sua equipe, inclina-se para os remédios recomendados por uma terapia ortodoxa contra essa inflação de 20% ao mês, que corresponde a um índice anual de 800%, muito próximo dos 1.000% (ou 22,12% ao mês). Num primeiro momento, o governo pretende ativar a estrutura do CIP (a mão de ferro) e mobilizar seu escriba de decretos-leis para coibir os "reajustes abusivos" e a concessão de falsas bonificações nas notas fiscais. Depois viriam medidas ortodoxas (finalmente!), ou seja, cortes nos gastos públicos (e o trenzinho elétrico do presidente?), orçamentos rigidamente cumpridos e maior visibilidade nas políticas do governo, além da manutenção de taxas de juros positivas para estimular a poupança.

Essa proposta, inspirada pelo bom senso, vem de um pequeno grupo no governo, situado no Ministério da Fazenda, que ainda tenta salvar o pouco que resta dessa confusão política em que se transformou o governo Sarney, dominado pela corrente dos demagogos-gastadores. Contudo, tanto o presidente da República quanto o seu ministro da Fazenda, que já se desentenderam por causa dos recursos do FND (o presidente quer deixar a tutela desse dinheiro por conta do ministro Aníbal Telles, mas Bresser Pereira ainda resiste) e do descontrole representado pela necessidade de ajudar os governadores leais ao governo, precisam convencer-se de que o momento é dramaticamente grave.

Já não se pode mais deter essa hiperinflação com paliativos como o controle de preços, mesmo porque falar em mão de ferro neste governo é pura gozação. São necessárias medidas heróicas e todas elas visando ao setor público. A inflação de 20,08% ao mês, revelada pelo Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas, é recorde na nossa história e, se esse patamar for mantido, logo poderemos estar perto dos 1.010% ao ano que levaram o governo argentino a fazer o seu Plano Austral. Portanto, não é hora de explicações ou de meias soluções. É hora de ação, de seriedade e responsabilidade, isto é, de tudo o que este governo Sarney não tem nem nunca poderá ter, dada a fraqueza política que o paralisa.

O atual surto inflacionário resulta do fracasso do Plano Cruzado, mais precisamente da inflação reprimida pelo prolongado congelamento e, também, do brutal impacto inflacionário-recessivo do Cruzado II (vejam-se os quatro mil desempregados na indústria paulista em abril). Desde dezembro do ano passado, os preços vêm subindo aceleradamente, em razão dessa estabanada saída do Plano Cruzado e do efeito amplificador do gatilho salarial, uma espada de Dâmonos sobre a cabeça do novo ministro da Fazenda, causadora da mais violenta espiral de preços-salários já vista no País.

Este mês, por exemplo, haverá reajustes salariais para todas as categorias, com exceção das que têm data-base em maio, que estão discutindo o aumento anual. E não se deve esquecer que esse farrigerado gatilho incide não apenas sobre os salários dos empregados, mas também sobre as contribuições à Previdência, Sesi ou Sesc, Senai ou Senac, Incra, 13º salário para o Iapás, salário-família, salário-maternidade, Iapás (assistência rural), FGTS, custeio das prestações de acidente de trabalho, salário-educação, aviso prévio, auxílio-enfermidade etc. Não é sem razão que, ao primeiro sinal de queda do nível de atividade, as empresas não hesitam em cortar pessoal, a fim de livrar-se dessa enorme lista de encargos, cuja arrecadação engorda a receita e os gastos do governo.

Dessa forma, está bem claro que os fatores que nos arrastam para a hiperinflação são os dispêndios exacerbados do governo e suas estatais perversamente combinados com essa armadilha do gatilho, legada por d. Conceição e pelos alunos do seu curso de maturidade, que estão lançando mais e mais lenha na fogueira das expectativas inflacionárias de toda a sociedade. Como se sabe, a hiperinflação é a mais extrema de todas as altas contínuas de preços, na qual o dinheiro deixa até de ser usado nas transações. Os exemplos do passado, como o da Alemanha da década de 20, mostram que a hiperinflação geralmente ocorre em países cuja economia foi devastada pela guerra, mas ela também pode acontecer, como estamos vendo no Brasil do dr. Sarney, em virtude da estatização desenfreada e de uma profunda crise política interna, que tem como causa fundamental a completa erosão da autoridade presidencial.

Nossa hiperinflação é mais um fruto podre dessa demagogia peemedebista que, se não for contida pelo bom senso, poderá conduzir-nos a uma inflação boliviana, que já foi de 14.000% ao ano! (E que hoje está totalmente controlada graças à visão de estadista do presidente Estensoro, que é o que falta a Sarney.) Será que os políticos populistas do PMDB compreendem o mal que estão fazendo ao Brasil? Estarão estes senhores dispostos a deixar o caminho livre para uma cirurgia econômica ortodoxa ou irão permitir que o organismo econômico produza suas próprias defesas na forma de uma hiper-recessão?

Estas são as grandes incógnitas do presente quadro político-econômico, às quais o sr. Sarney, óbvia e temerariamente, está alheio. O que é inteiramente desnecessário e contraproducente é que, dizendo besteiras como a que disse ontem, ele continue dando exibições desse alheamento. Esse tipo de "papo-furado" só acrescenta lenha à fogueira...